

**A TRAJETÓRIA INTELECTUAL-MILITANTE DE GYÖRGY LUKÁCS: APONTAMENTOS ACERCA DO “ASCETISMO” REVOLUCIONÁRIO, DO IRRACIONALISMO STALINISTA E DO MARXISMO “HETERODOXO”**

**LA TRAYECTORIA INTELECTUAL-MILITAR DE GYORGY LUKÁCS: NOTAS SOBRE EL “ASCETISMO” REVOLUCIONARIO, EL IRRACIONALISMO ESTALINISTA Y EL MARXISMO “HETERODOXO”**

**GYORGY LUKÁCS'S INTELLECTUAL-MILITANT TRAJECTORY: NOTES ABOUT REVOLUTIONARY “ASCETISM”, STALINIST IRRATIONALISM AND “HETERODOX” MARXISM**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v15i2.50861>

Homero Silva<sup>1</sup>

Osterne Nonato Maia Filho<sup>2</sup>

Maria Susana Jimenez<sup>3</sup>

**Resumo:** Pretende-se analisar a trajetória de György Lukács. Em grande parte, os estudos sobre a trajetória de Lukács registram seus esforços em atestar a existência de uma estética marxista, assim como de escrever uma ética, o que, culminou na escrita dos fundamentos de uma ontologia do ser social. Em suas obras finais também se sobressai a percepção de que o método de Marx seria o pilar de tais empreitadas. O que se observou no presente trabalho é um desdobrar desses fundamentos. Tomando como objeto de análise algumas das últimas entrevistas concedidas por ele foi possível observar três pontos que complementam os fundamentos delineados sobre a ética, a estética e a ontologia: à crítica o stalinismo, o ascetismo e o marxismo 'heterodoxo', deixando claro o filósofo marxista que esses 'desvios' têm influenciado negativamente a luta pela emancipação humana. Pensar uma prática coerente com tal perspectiva faz-se ainda mais urgente em nossos dias.

**Palavras-chave:** Lukács. Ontologia. Marxismo.

**Resumen:** Se pretende analizar la trayectoria de Gyorgy Lukács. En gran medida, los estudios sobre la trayectoria de Lukács registran sus esfuerzos por atestiguar la existencia de una estética marxista, así como por escribir una ética, que culminó en escribir los fundamentos de una ontología del ser social. En sus obras finales también destaca la percepción de que el método de Marx sería el pilar de tales emprendimientos. Lo observado en el presente trabajo es un desdoblamiento de estos fundamentos. Tomando como objeto de análisis algunas de las últimas entrevistas concedidas por él, fue posible observar tres puntos que complementan los fundamentos esbozados sobre ética, estética y ontología: la crítica al estalinismo, al ascetismo y al marxismo 'heterodoxo', dejando claro el filósofo La teoría marxista de que estas 'desviaciones' han influido negativamente en la lucha por la emancipación humana. Pensar en una práctica que sea coherente con tal perspectiva es aún más urgente hoy en día.

**Palabras clave:** Lukács. Ontología. Marxismo

**Abstract:** If you want to analyze the trajectory by Gyorgy Lukács. To a large extent, the studies on Lukács's trajectory record his efforts to attest to the existence of a Marxist aesthetic, as well as to write an ethics, which culminated in writing the foundations of an ontology of the social being. In his final works he also highlights the perception that Marx's method would be the pillar of such undertakings. What is observed in the present work is an unfolding of these fundamentals. Taking as an object of analysis some of the last interviews granted by him, it was possible to observe three points that complement the sketched foundations on ethics, aesthetics and ontology: criticism of Stalinism, ascetism and 'heterodox' Marxism, leaving it clear to the philosopher La Marxist theory that these 'deviations' had a negative influence on the struggle for human emancipation. Thinking about a practice that is coherent with such a perspective is even more urgent today.

**Keywords:** Lukács. Ontology. Marxism.

## Introdução

Em seu livro *Lukács*, Konder (1980) levanta inicialmente a pergunta: quem foi György Lukács? Nos parágrafos seguintes, procuraremos demonstrar que não se encontraria uma unanimidade numa resposta a essa questão, mas, ao contrário, esta seria atravessada de polêmicas. Com efeito, durante toda sua vida, Lukács foi alvo da crítica tanto por parte de sociais-democratas, quanto de stalinistas e trotskistas. Levando em conta a complexidade da situação, Konder assevera que sua tarefa não seria formular uma resposta definitiva à questão inicialmente posta, mas “[...] na melhor das hipóteses, contribuir[emos] para levar o público brasileiro a ter uma ideia daquilo que Georg Lukács não foi” (KONDER, 1980, p. 16).

Netto (1981, p. 30) nos dirá que, para concebermos a evolução de Lukács, seria necessário observar um duplo aspecto: “[...] a atenção à totalidade da obra de Lukács e a referência ao momento histórico de que emerge. Em suma: a verdade da obra lukacsiana só é passível de ser tomada estabelecendo-se seu tempo e seu modo”. Por sua vez, Oldrini (2014, p. 19) pontuará que “o tempo, sem dúvida, dará a Lukács o lugar que merece na história do pensamento, laboriosamente conseguido com suas batalhas e com os seus estudos”.

Passadas algumas décadas de sua morte e da publicação dos livros de Konder e de Netto, ainda há questões sobre a vida e a obra de Lukács não esclarecidas ou mesmo explicadas de maneira distorcida. A tese de doutorado de Lima (2014) muito nos ajuda a responder questões centrais atinentes às contendas sobre a trajetória de Lukács, especialmente no que concerne às questões de ruptura, continuidade e descontinuidade frente às diversas vertentes teóricas que fomentaram seu caminho para Marx; bem como à espinhosa relação do filósofo com o stalinismo. Na interpretação da autora, a imposição ontológica assumida por Lukács, que tem como marco fundamental, a chamada viragem de 1930, “nem sempre é entendida como um coerente produto de sua trajetória que, embora marcada por rupturas e viragens, efetiva-se numa dialética de continuidade na descontinuidade” (Lima, 2018, p. 45). Ainda que não se refira ao itinerário específico do filósofo húngaro, Netto (1981, p. 26), sem dúvida, corrobora com Lima (2014), quando nos apresenta a passagem abaixo:

[...] é certo que, em todo grande pensador, as modificações, as transições e até as mutações ocorrem no âmbito de um espaço ideológico cuja congruência é a mínima garantia de autenticidade intelectual. Mesmo as mutações mais radicais, quando responsáveis e lúcidas, realizam-se à base de uma seriedade intelectual para a qual a fidelidade a certas ideias fundamentais traduz-se como urgência objetiva de uma abordagem reformulada e mais adequada do alvo da reflexão. Pode-se afirmar com segurança que em nenhum grande pensador contemporâneo registra-se uma verdadeira ruptura intelectual que opere a negação do seu passado.

No presente trabalho, não pretendemos detalhar essas questões que já foram precisamente pontuadas, por exemplo, em Lima (2014). Nosso interesse é bem mais modesto: acompanhar a trajetória intelectual de Lukács e sua relação com os acontecimentos do século XX que foram catalizadores para as mudanças de rumo que demarcaram a dinâmica de sua contribuição intelectual. Assim, tentaremos aqui menos dizer quem é Lukács e mais, tomando de empréstimo o sentido assumido por Konder (1980), demonstrar o que ele não é, observando em especial três pontos que, em seus últimos anos de vida, fez questão de reafirmar em defesa do marxismo, a saber, uma crítica ao irracionalismo stalinista, ao ascetismo revolucionário e à heterodoxia marxista. Para tanto, nos propomos a analisar a trajetória lukacsiana a partir de seus próprios depoimentos, no que estamos chamando aqui de Lukács por Lukács. Serão utilizadas para tal fim cinco entrevistas concedidas pelo filósofo húngaro no final da década de 1960, pouco antes de sua morte, em 1971, únicas entrevistas do pensador traduzidas para o português. Inspirados no método proposto por Marx e aplicado pelo próprio Lukács, procuramos fazer uma leitura imanente das entrevistas-depoimentos, embora considerando que a interpretação da realidade a partir da objetividade expressa na fala e em seu registro seja sempre um desafio. Trata-se de uma leitura exploratória, especialmente pelo fato de que se trata de um material limitado, mas que busca contribuir com o debate acerca da importância do filósofo húngaro para o pensamento e a práxis social humana que visam à transformação da realidade.

Tais críticas se fazem relevantes, tendo em vista a conjuntura do nosso tempo que tem não apenas a negação do marxismo como ponto convergente na ideologia de diversas correntes do pensamento contemporâneo, mas ainda a própria negação da racionalidade e da cientificidade. Esse contexto clarifica, de maneira límpida, que apenas um retorno à conexão entre marxismo e ciência, naquilo que o próprio Marx identificou como “a única ciência”, ou seja, “a ciência da história” seria capaz de superar tal estado de coisas. Nessa direção, caberia a uma perspectiva de ciência calcada no método histórico e dialético recuperar a relação aproximativa entre sujeito-objeto para o desvelamento do real para além do realismo ingênuo da ciência atual, no sentido da transformação radical da sociabilidade, tendo como pressuposto o devir humano de seu pleno desenvolvimento.

### ***Do nascimento em Budapeste à Primeira guerra Mundial***

György Lukács nasceu em 13 de abril, de 1885, em Budapeste. Naquele tempo, a Hungria era parte do Império Austro-Húngaro. Filho de uma família rica, seu pai era executivo do segundo maior grupo bancário do império. Mészáros (2013, p. 95) afirma sobre o pai de Lukács:

Aos 18 anos ganha o cargo de correspondente-chefe do Banco Anglo-Húngaro em Budapeste; aos 21, torna-se chefe de um departamento importante no Banco de Crédito Geral da Hungria e, aos 25, torna-se diretor do Banco Anglo-Austríaco de Budapeste. Em 1906, volta para o Banco de Crédito Geral da Hungria como diretor executivo, cargo em que permanece até ser demitido pelo regime de Horthy em virtude da participação de seu filho na Comuna de 1919.

A exposição rápida sobre o itinerário do pai de Lukács como banqueiro faz-se importante para situarmos em que condições veio ao mundo o filósofo húngaro. Além do berço privilegiado do ponto de vista econômico, merece destaque o fato de sua família ser judia, algo que ele mesmo relatou não ter exercido

grande influência em sua vida na infância, embora o antissemitismo fosse crescente na Hungria do final do século XIX.

Se a religião não foi de grande influência, o mesmo não se pode dizer das relações econômicas que a família de Lukács estabeleceu, ainda em sua infância. Em sua ascendente carreira como banqueiro, o pai de Lukács, József, em 1889, ascendeu à nobreza, ao comprar um título. Criado em meios aristocráticos, Lukács teve uma educação primorosa, até porque seu pai sabia que tinha nas mãos um diamante, um filho com dotes intelectuais raros, provendo as melhores condições para o florescimento dessa intelectualidade.

Como uma das primeiras respostas a esse estímulo, Lukács cria, em 1904, um grupo teatral chamado 'Thália', financiado pelo próprio pai, e começa a apresentar peças que representaram o advento da modernidade do teatro húngaro, na entrada do século XX. Nesse mesmo período, aprofunda seus estudos em filosofia, "explorando sistematicamente as obras de Kant e, mais tarde, Dilthey e Simmel" (MÉSZÁROS, 2013, p. 96). É ainda nesse momento que desponta seu interesse pela ética e pela estética.

Em seguida, Lukács estuda jurisprudência, formando-se em Direito, em 1906. É dessa época que suas primeiras grandes publicações chamam a atenção de importantes intelectuais do ocidente. Estamos falando de *História do desenvolvimento do drama moderno*, publicado em 1907 e *A alma e as formas*, publicado em 1910. Lembremos que estamos aqui em um momento de formação de Lukács. À época, já podemos observar as duas preocupações que o perseguem por toda a sua vida: o papel da arte e a dimensão ética na vida dos homens. Konder (1980, p. 20), descreve, assim, essa fase:

O período que se estende até 1910 é um período de aprofundamento gradual de posições estéticas inspiradas em Kant (com ecos de Kierkegaard) e de investigações sociológicas que levam o nosso autor a se aproximar mais do marxismo: Lukács leu o *Manifesto Comunista*, o *Dezeto Brumário* e a *Origem da família*. Por volta de 1908 ou 1909 leu também o *Capital*.

Já aqui, Lukács possui algo que o diferencia da sua classe de origem: uma visão crítica do estilo de vida burguês. Este jovem que sofre nesse momento a influência de Kant, vai estudar em Heidelberg, onde encontra aquele que seria seu primeiro mestre e depois seu par intelectual, Max Weber.

Em Heidelberg, por influência de Bloch, Lukács começa a ler Hegel. O filósofo húngaro desliza de um campo de influência kantiana para uma compreensão hegeliana de mundo. Em meio a esse processo de transformação intelectual, eclode a Primeira Guerra Mundial. A repugnância pela ordem burguesa encontra seu momento decisivo e Lukács desenvolve uma atitude de rechaço absoluto em relação à guerra.

Em 1916, o filósofo húngaro produz *A teoria do romance*, uma obra que ainda hoje é estudada nos cursos de estudos literários. Priorizando a consideração estética, sua tentativa de compreender o movimento da realidade social permanece viva, mas, nesse momento, encontra-se subordinada a seus interesses estéticos. Porém, antes do fim da Primeira Guerra Mundial, um outro acontecimento marca definitivamente a vida de Lukács dali em diante, a Revolução Bolchevique.

### *A revolução Bolchevique e seus efeitos na vida e obra de Lukács*

Em 1917, um ano antes de selar-se a paz entre os países beligerantes, explode a revolução bolchevique e esta impõe a Lukács um problema novo. Para o intelectual marxista esse evento teve uma significação ambígua. O filósofo húngaro considerou que ali estava uma alternativa para a humanidade. Ele se identificou com os objetivos da revolução, mas não com os meios utilizados para a sua concretização. Dito de outro modo, considerou que os propósitos mereciam admiração e apoio, mas os meios estabelecidos para alcançá-los eram inaceitáveis do ponto de vista moral. É nesse momento que escreve o ensaio ‘*O bolchevismo enquanto um problema moral*’, ainda em 1918.

O interessante é que, pouco tempo depois que o ensaio foi publicado, Lukács filiou-se ao Partido Comunista Húngaro, comprovando, mais uma vez aqui, a percepção de que ali estava a alternativa para superar uma situação que o incomodava profundamente. Assim, no dia 02 de novembro de 1918, o filósofo de Budapeste abandona o título de nobreza ‘von’ e passa assinar apenas György Lukács. Tal fato mostra-nos sua intenção de ingressar no universo proletário. Ele passa a enfrentar as maiores dificuldades, desde onde morar, até o que comer. Assim, rompe com o mundo burguês não apenas no texto, mas também na sua vida cotidiana. Em vários momentos, Lukács tratará essa decisão como a mais importante de sua vida: “Minha primeira relação autêntica, excetuando-se as relações parciais de amizade, foi com o Partido Comunista” (LUKÁCS, 1999, p. 54).

Mas, como já apontamos, segundo as pistas deixadas por Lima (2014), mesmo nos momentos de aparente ruptura, o que observamos são descontinuidades na continuidade, em que as questões que animam um pensamento se metamorfoseiam, sem, contudo, desvanecer-se. Como nos lembra Konder (1980, p. 32):

A ruptura em dezembro de 1918 foi, sem dúvida, mais drástica do que a ruptura anterior, de 1911: ela marca toda a trajetória ulterior de Lukács, quer dizer, os cinquenta e três anos seguintes. Mas também nela se verifica uma dialética de continuidade e descontinuidade. A opção repentina pelo comunismo fora longamente preparada pela constante rebeldia, pelo anseio por soluções radicais, pela apaixonada negação da sociedade burguesa.

Assim, a partir de 1918, enquanto um filósofo comunista, toda sua formação estética, cultural e filosófica entra em um processo de metamorfose que aqui ainda não aparece em seus escritos. Como ele mesmo afirma: “Na forma escrita não surgiu nada naquela época. O interesse pela ética me levou à revolução [...] é claro que ali enfrente aquele problema do conflito ético, como se pode agir de maneira não-ética e, mesmo assim, corretamente”. (LUKÁCS, 1999, p. 54-55). E esse problema ético, articulado à sua entrada no Partido Comunista, desembocou nos problemas de ordem política. Porém, segundo declara “[...] na minha opinião, não se pode esquecer que esse interesse político era, ao mesmo tempo, ético. ‘O que fazer?’ Este sempre foi o principal problema e para esta pergunta uniu a problemática ética à política” (LUKÁCS, 1999, p. 55).

Quando Lukács trata da questão do ‘agir de maneira não-ética e, mesmo assim corretamente’, está tratando de suas críticas à Revolução Russa. Relembremos que um mês antes de ingressar no Partido Comunista Húngaro, o filósofo escreveu o artigo *O bolchevismo como problema moral* em que apoiava a revolução, mas não seus métodos. Esses problemas iniciais parecem ter se resolvido nesse mês, já que não

apenas o filósofo húngaro filiou-se ao Partido Comunista como, em 1919, tornou-se dirigente no processo conhecido como Comuna húngara.

Durante esse período, foi um pensador político, mas não apenas. Foi também um ator político. Como membro da Comuna húngara de 1919, ocupou diversas funções. Foi Vice-Ministro da Educação Popular e depois ministro; foi presidente do diretório da Associação dos Escritores; membro da comissão de redação do *Jornal Vermelho* e, ainda, comissário político da 5ª Divisão do Exército Vermelho húngaro. Foi nesta fase que o dirigente político precisou dar a ordem para o fuzilamento de oito homens que teriam fugido do batalhão. Ser um marxista revolucionário, está evidente, não se limitava aos salões das boas letras. Aqui o militante se forjou nas decisões difíceis da luta revolucionária.

A comuna húngara durou apenas 133 dias. Em seguida, uma grande repressão aos revolucionários se inicia. A maioria dos dirigentes parte para o exílio, em Viena. Porém, o Comitê Central do Partido Comunista (PC) húngaro decide que Lukács deve continuar no país e desenvolver o trabalho do partido na ilegalidade. O filósofo húngaro não estava convencido do acerto da decisão: “Já naquela época tinha as minhas dúvidas de que Korvin e eu fôssemos as pessoas mais indicadas para essa tarefa, pois se havia comunistas muito conhecidos, estes éramos nós” (LUKÁCS, 1999, p. 68). Korvin foi líder dos socialistas revolucionários, cofundador do PC húngaro, membro do Comitê Central. Durante a Comuna húngara, de 1919 e, após sua queda, enquanto tentava reorganizar o PC na ilegalidade, foi preso e assassinado.

Após a prisão de Otto Korvin, Lukács se vê sem possibilidade de continuar com um mínimo de segurança a exercer seu trabalho na Hungria e decide partir para o exílio. Nesse momento, sua origem de classe joga um papel importante na vida do filósofo. Para escapar, contou com a ajuda financeira do pai para subornar um oficial e assim atravessar a fronteira em direção à Viena. Porém, já na cidade austríaca, poucas semanas depois de sua chegada, Lukács foi preso e se viu sob a ameaça de ser deportado para a Hungria onde uma sentença de morte o esperava. Um grupo de intelectuais, entre eles Thomas Mann, intercede em favor de Lukács e publicam um apelo pedindo sua liberação. Graças ao clamor dos intelectuais e sua repercussão em toda a Europa, Lukács foi solto.

Mas não foi apenas do ponto de vista político-ideológico que os anos entre 1917 e 1920 foram decisivos para Lukács. Também do ponto de vista afetivo esses anos serão determinantes, já que em 1918 ele começa a se relacionar com o grande amor de sua vida, Gertrud Bortstieber, que o acompanhará pelos próximos 45 anos. Em 1920, já em Viena, eles se casam, têm uma filha e ainda criam os filhos do primeiro casamento de Gertrud.

Os anos seguintes são de profunda formação para Lukács. Em 1921, participa do III Congresso da Internacional Comunista, em Moscou, e tem seu único encontro com aquele que seria seu modelo de intelectual-militante, Vladimir Lenin, o grande líder da Revolução Russa. No ano seguinte, aprofunda seus estudos sobre Marx, Engels e Lenin e um ano depois, em 1923, publica *História e Consciência de Classe*, obra que reúne uma série de artigos fruto desse período de intenso estudo da tradição marxista. A obra contém, entre outros, o ensaio *A reificação e a consciência do proletariado*, que Mészáros (2013, p. 103) chamará de “[...] uma das maiores obras filosóficas do século XX”. Em meio a esse período de imersão de Lukács no marxismo ocorre uma das maiores tragédias da história do movimento operário: a morte de Lenin, em 1924,

e o início da fase decadente da Revolução Russa com a tomada do poder por Stalin.

Não teremos como tratar em detalhe cada um desses momentos decisivos para o rumo que a trajetória de Lukács tomará em seguida, mas faz-se necessário pontuarmos algumas questões. Sobre seu encontro com Lenin, ele tratará na entrevista para a *New Left Review*. A citação é longa, porém necessária para compreendermos o impacto de tal contato no itinerário do filósofo:

Estive em contato com ele pessoalmente [...] terrivelmente pouco [...] Cheguei realmente a encontrar-me com Lenin no III Congresso do Comintern, mas não me esqueço de que na época eu não passava de um membro do Comitê Central de um pequeno partido ilegal, e quando alguém me apresentou a Lenin nos corredores ele tinha certamente problemas mais urgentes a atender do que meter-se numa discussão com um húngaro de segundo escalão. De todo modo, o desempenho de Lenin no III Congresso causou-me enorme impressão. O estudo de seus escritos só ajudou a reforçá-la. **Mais precisamente, vejo em Lenin um tipo essencialmente novo de revolucionário genuíno** [...] Engels e especialmente Lenin, depois dele, representam um tipo de revolucionário não-ascético. Seu caráter revolucionário se evidencia no fato de que suas particularidades humanas individuais não desempenham nenhum papel em suas vidas e mesmo quando tiveram decisões contra suas próprias inclinações pessoais, isso não foi feito de forma ascética [...]. Lenin representa um novo tipo de revolucionário, que é um homem público tão capaz de auto-sacrifício em seu destino particular quanto o velho tipo, mas sem que esse auto-sacrifício envolva qualquer ascetismo. A meu ver, o exemplo de Lênin desempenhará um papel enorme nos desenvolvimentos futuros. (LUKÁCS, 1997, p. 90-91, grifos nossos).

Se o contato com Lenin foi fundamental para a formação de Lukács, seu livro *História e Consciência de Classe* foi e ainda é peça central na articulação teórica de diversos autores que tinham e têm no marxismo parte de seu referencial teórico. Löwy (2015, p. 13), por exemplo, destacará que “um dos aspectos essenciais do livro, ao lado do método dialético, é o lugar central ocupado pela *dimensão subjetiva* da luta revolucionária: a consciência de classe”.

Se Löwy destacará a questão da subjetividade como parte essencial para compreendermos a importância de *História e consciência de classe*, Konder (1980, p. 50) nos apontará a descoberta feita por Lukács sobre o conceito de reificação. Tal conceito que Lukács desenvolve a partir da análise do ‘fetichismo da mercadoria’, contida em *O Capital*, foi extremamente importante para o desenvolvimento teórico dos intelectuais ligados à chamada ‘Escola de Frankfurt’ ou, nas palavras de Horkheimer (1982), para o ‘materialismo interdisciplinar’.

Porém, tal obra não trouxe glórias para Lukács, ao contrário. Onde mais o interessava, no seio do debate do movimento comunista internacional, a obra foi atacada por todos os lados. No 5º Congresso da Internacional Comunista (Comintern), em 1924, tanto Bukharin, quanto Zinoviev, membros do comitê executivo do Comintern, alertam ao movimento comunista mundial sobre os riscos que decorreriam da disseminação de ideias como as defendidas em *História e consciência de classe*.

O filósofo húngaro chegou a reagir a esses ataques, mas o texto em questão só veio a ser publicado depois de sua morte. É fato que algum tempo depois o filósofo de Budapeste já não estava mais de acordo com algumas teses que havia defendido em *História e consciência de classe*. Prova disso é que ele só permitiu uma nova edição do livro, em 1967, desde que contasse com um prefácio seu, apontando na forma de uma autocrítica, os principais problemas de tal obra, ressaltando que sua importância estaria mais relacionada ao entendimento do percurso teórico do autor em direção ao marxismo do que à realização de uma obra

acabada que servisse de pronto à luta de classes dos novos tempos. Em resumo, na crítica de Lukács, a obra “volta-se, voluntariamente ou involuntariamente, contra os fundamentos da ontologia do marxismo” (LUKÁCS, 2003, p. 14).

Mais tarde, em sua última entrevista, o filósofo de Budapeste reafirmará esse tom crítico a sua obra dos anos 1920. Reconhece Lukács que o valor de *História e consciência de classe* está em “[...] ter enfrentado problemas ignorados pelo marxismo da época” (LUKÁCS, 1999, p. 78), referindo-se ao tratamento aplicado à questão da reificação. Ao mesmo tempo, porém, insiste na ideia de que haveria nessa obra um problema de fundo ontológico: “O que falta à *História e consciência de classe* é a universalidade do marxismo segundo a qual o orgânico provém do inorgânico e a sociedade através do trabalho, da natureza orgânica” (LUKÁCS, 1999, p. 78). Acrescentará Lukács (1999) que o que teria levado a essa caracterização seria sua tendência, à época, a um certo sectarismo messiânico.

Ainda nos anos vinte, um outro acontecimento foi fundamental na trajetória do filósofo húngaro. Em 1928, assume a liderança da corrente minoritária do PC húngaro, fazendo oposição à fração majoritária, liderada por Béla Kun. Então Lukács volta à Hungria para participar do Congresso do PC húngaro e defender sua estratégia de ‘frente popular’ que ficou conhecida como *As teses de Blum*. Vale lembrar que o intelectual marxista, mesmo residindo fora da Hungria nessa época, não participava da luta interna do Partido Comunista Soviético, nem da Internacional Comunista. Seus olhos estavam na conjuntura de seu país de origem: “[...] não se pode esquecer que até 1930, apesar de tudo, fui membro ativo do partido, era informado de tudo” (LUKÁCS, 1999, p. 73).

Infelizmente para Lukács, *As teses de Blum* foram derrotadas no Congresso do PC húngaro. Como consequência desse insucesso, Lukács afasta-se do debate propriamente político e partidário por praticamente trinta anos. Ao voltar para Viena, decide seguir com a família para Moscou, onde teria mais um encontro decisivo para sua trajetória.

### **O “exílio” político e o último encontro com Marx**

Na cidade soviética de Moscou, Lukács passa a trabalhar no Instituto Marx-Engels, dirigido por David Riazanov, o responsável pela primeira tentativa de editar as obras completas de Marx e Engels. Como ressalta Lima (2018, p. 47), referida experiência propiciou-lhe “dois felizes acasos” que, interligados, influenciaram decisivamente sua trajetória: o encontro com o grande estudioso da estética marxista, Michail Lifschitz; e o contato com textos de Marx, ainda não publicados à época, como *Os manuscritos econômicos-filosóficos de 1844*. Para um de seus discípulos, ademais, este “[...] é o único período da vida do filósofo – desde 1905 – em que consegue se dedicar inteiramente ao estudo sem ser perturbado pelas demandas da vida política” (MÉSZÁROS, 2013, p. 105). Konder (1980, p. 63) ressaltará que Lukács “[...] fica impressionado com os pontos de convergência que existiam entre as análises desenvolvidas por Marx do trabalho alienado e suas próprias acerca da reificação”. Mas, se as convergências o impressionaram, as divergências foram fundamentais para o desenvolvimento dos próximos passos do processo de construção teórica do pensador húngaro. Seriam divergências de método que o levariam ao que Netto (1981, p. 31)

chamará de “[...] o caráter totalizador unitário da dialética materialista”.

Assim podemos notar, outra vez, como Lukács reage aos acontecimentos de seu tempo, que, mais uma vez, não são nada animadores. Esse contexto revela um período de crise geral do capitalismo, com a depressão econômica e a quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929; a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa com a chegada ao poder de Hitler, na Alemanha, e de Mussolini, na Itália; a emergência da Segunda Guerra Mundial; o enfrentamento pós-45 das duas potências que se estabelecem enquanto hegemônicas após o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a União Soviética, configurando a assim denominada Guerra Fria. Além disso, o sonho de vitória da revolução no Ocidente é abortado e com isso temos o isolamento do Leste.

Afastado da política oficial, Lukács dedica seus esforços a escritos sobre estética e filosofia. Nos dois campos, o filósofo persegue o mesmo objetivo, considerando dentro de certos limites, o clima de perseguição e da realidade da luta política da época: como crítico da literatura estabelece como premissa a relação não-imediata entre qualidade estética de uma obra e sua vinculação com uma ideologia, elaborando uma crítica mais filosófica. Em outras palavras, assevera que uma boa ideologia pode produzir péssima arte enquanto uma boa produção artística poderia ser fruto de uma figura detestável como Balzac.

O ímpeto com que o filósofo húngaro desferia seus argumentos em direção aos equívocos do socialismo real no plano estético só pode ser compreendido, de fato, levando-se em consideração a seguinte circunstância: esta era a única maneira que Lukács encontrou para travar a luta político-ideológica de modo separado do âmbito formal das instâncias da política oficial, “[...] vencido mas não convencido, tinha se deslocado do plano da atividade diretamente política para o plano da luta cultural, da crítica literária, indiretamente política” (KONDER, 1980, p. 66 e 67).

Segundo Konder (1980), o filósofo de Budapeste percebia que, em tempos de perseguição, como aqueles que ocorriam no início dos anos trinta no regime soviético, a melhor alternativa para permanecer no campo da luta comunista era defender o Estado soviético do ponto de vista político, tendo em vista o confronto iminente com o nazismo, sem, contudo, deixar de atacá-lo em suas bases, seja na perspectiva do realismo socialista, seja no método de interpretação da realidade. Ao complexo de desacertos reconhecidos pelo filósofo húngaro, este dará o nome de taticismo. Nesse sentido, declara: “Para Stalin, era a situação tática em cada época que era mais importante, e era para essa situação tática que ele criava uma estratégia e uma teoria geral” (LUKÁCS, 1997, p. 86).

No campo da filosofia, foi na defesa da importância do papel de Hegel para o pensamento marxista que Lukács fez seu enfrentamento a Stalin. Sua argumentação passava por Lenin, que afirmava em seus *Cadernos filosóficos* ser impossível entender *O capital* de Marx sem ter se apropriado da lógica de Hegel.

Já no campo da estética, Lukács enfrentou a visão romântica de realismo socialista, assumida pelos stalinistas. Sua concepção de realismo socialista estava comprometida com o desenvolvimento da realidade humana. Para ele, o grande mérito dos realistas do passado era não ter falseado a representação da condição humana em sua época em detrimento da totalidade. De acordo com Lukács, com efeito, os escritores comunistas deveriam representar a realidade, mas jamais idealizá-la ou romantizá-la.

Assim, resume Konder (1980, p. 72) esse período na vida do revolucionário húngaro:

Lukács se encontra, portanto, em 1934, em Moscou, numa situação desfavorável: é exilado, membro de um PC destruído pela repressão, mal-visto pelo dirigente histórico de seu partido (Béla Kun), encarado com reservas pelos que se lembram de que Lenin o criticou em 1920 e pelos que sabem que ele é o autor do livro ‘revisionista’ *História e consciência de classe*, suspeito de manter um apreço ‘excessivo’ por Hegel e pela cultura clássica burguesa, defensor de uma concepção recusada do realismo socialista.

Mais de três décadas após esse momento, a avaliação do filósofo húngaro era de que as deformações advindas do stalinismo foram devastadoras para o movimento comunista e entende que um dos equívocos desse movimento foi “[...] sempre abolir, quanto possível, todas as mediações, e a de instituir uma conexão imediata entre os fatos mais crus e as posições teóricas mais gerais” (LUKÁCS, 1977, p. 04). Nesse sentido, a crítica assumida é a da reverberação das questões mais essenciais da análise teórica a um objetivismo quase obscuro, ou seja, a falsa caracterização de que a história é puramente teleológica ou obedece a uma causalidade puramente natural.

Nos anos trinta, Stalin agia politicamente para se perpetuar à frente do governo soviético. Para a realização de tal objetivo ninguém foi poupado. Praticamente todos os heróis da revolução de Outubro de 1917 foram difamados, desapareceram ou foram levados a julgamento. Em 1971, Lukács (1999, p. 108) avaliou assim esse período: “Julguei os processos uma monstruosidade e me consolava dizendo a mim mesmo: hoje estamos do lado de Robespierre, apesar de que o processo contra Danton, se analisado em termos jurídicos, não era muito melhor do que o processo contra Bukharin”, referindo-se ao caso do julgamento do revolucionário russo a partir do exemplo do julgamento do revolucionário francês, Danton, liderado por seu até então companheiro, Robespierre.

Nos dois casos, a intenção seria a manutenção do processo revolucionário e o julgado não seria mais um apoiador da revolução, já que criticava seus desdobramentos, tornando-se, assim, um inimigo da revolução. Este parece ter sido o momento que mais profundamente o afetou, como ilustra a passagem a seguir: “Depois do processo de Bukharin, excluiu-se totalmente a possibilidade de que alguém ousasse agir contra Stalin. Stalin, entretanto, manteve sua linha tática, de intimidação das pessoas. Neste sentido, considero os processos supérfluos” (LUKÁCS, 1999). A tradição comunista, embora já passado tanto tempo desses eventos em Moscou, ainda não construiu um consenso em relação aos atos desse período e suas consequências. Cabe uma leitura mais elaborada e rigorosa desse instante tão significativo para o bolchevismo, ainda mais nesse momento em que parece renascer uma juventude stalinista que olha até com simpatia para essa ocasião grotesca da tradição revolucionária.

E mesmo trinta anos depois dos processos de Moscou, Lukács afirmava que, naquilo que mais importava, a política de Stalin acabou sendo acertada: “[...] naquela época, a questão mais importante era o aniquilamento de Hitler. Não se poderia esperar o aniquilamento de Hitler do ocidente, mas somente dos soviéticos. E Stalin era o único poder anti-Hitler que existia” (LUKÁCS, 1999, p. 108).

São declarações honestas do homem que sobreviveu aos expurgos do stalinismo e à barbárie nazifascista, duas questões que não passaram sem deixar marcas profundas na vida do filósofo. Em meio à invasão nazista da União Soviética, em 1941, Lukács é obrigado a mudar-se constantemente com a família e sabia que seu filho Ferenc Janossy, que trabalhava para o Exército Vermelho, havia sido preso pelos alemães e levado para um campo de trabalhos forçados. Além disso, ele mesmo chegou a ser preso pela

polícia soviética, também em 1941, chegando a ficar detido por seis meses: “Seus inquisidores tentam extrair dele a confissão de que era ‘um agente trotskista’ desde o início da década de 1920, sem sucesso” (MÉSZÁROS, 2013, p. 107). Já Lukács trata a questão com certa ironia: “[...] por sorte, entendo o fato de ter sido preso somente no momento em que todas as execuções haviam cessado” (LUKÁCS, 1999, p. 99).

Passado o período de ‘caça às bruxas’ moscovita, terminada a Segunda Guerra Mundial com a vitória dos aliados e contando com a participação decisiva do exército soviético, com a derrota dos nazistas e a morte de Hitler, é hora de voltar à Hungria. No seu retorno à terra natal, torna-se professor na Universidade de Budapeste, assumindo as turmas de estética e filosofia. Além disso, volta ao debate político durante um processo de unificação de dois partidos operários de seu país. É Lukács de volta ao debate político, participando de uma nova construção socialista.

Naquele período, Lukács é eleito deputado pelo PC húngaro e desenvolve, simultaneamente, as tarefas de diretor da Academia de Ciências; membro do parlamento húngaro e, como já dissemos, professor na Universidade de Budapeste. No parlamento, defende que a transição para o socialismo só se concretizará com a participação popular em todos os âmbitos da vida em coletividade.

Ao retornar para a Hungria, a análise que ocorre a Lukács aponta que seria possível a continuação da aliança que salvou o mundo do fascismo e do nazismo, apelando a um tipo de coexistência pacífica entre os estados capitalistas e a União Soviética; por isso, internamente, defende a unidade entre comunistas e sociais-democratas. Esta aposta estava baseada em uma compreensão notadamente contraditória: como dois sistemas, o capitalista e o socialista, poderiam coexistir se a ‘natureza’ de ambos é globalizante? Nesse contexto, Lukács alega que a dinâmica da luta de classe permaneceria, mas não mais por meio da guerra. Todavia, pouco tempo depois, essa análise de conjuntura, do agora professor Lukács, prova-se errônea. A Guerra Fria destrói a possibilidade de coexistência pacífica. Internamente opera-se um maior recrudescimento do aparelho do Estado. Na Hungria, Mátyás Rakosi, primeiro-ministro do chamado novo Estado, foi responsável por retirar Lukács mais uma vez da vida política.

O interesse dos adversários é criticar sua concepção política, afirmando que suas ideias literárias estão em acordo com os velhos pensamentos defendidos ao tempo das *Teses de Blum* e que sua concepção de democracia reflete ainda a visão que defendia nos anos vinte. Em seu último depoimento, já nos anos setenta, Lukács reafirmará suas convicções acerca da democracia popular:

Na minha opinião, que remonta às Teses de Blum, a democracia popular é um socialismo que nasce da democracia. Segundo um outro ponto de vista, a democracia popular é, desde o início, uma ditadura e, desde o início, aquela forma de stalinismo para a qual ela evolui após o caso Tito (LUKÁCS, 1999, p. 117).

Mais uma vez derrotado politicamente, Lukács é premido a afastar-se da atividade política e a retomar sua atividade puramente intelectual e catedrática. Frente à morte de Stalin em 1953, comunistas do mundo inteiro alimentam o sentimento de que a revolução poderia, finalmente, tomar rumos mais humanos nos países em que a ditadura soviética exercia grande influência e, desse ponto, estender-se para todo o globo. Em fevereiro de 1956, acontece o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética e Nikita Krushev assume o cargo de novo Secretário-Geral da URSS. Nesse congresso, informações passadas por

Kruschev, em uma sessão secreta, choca os presentes: “[...] as sórdidas ‘calúnias’ difundidas pelos trotskistas e pelos imperialistas contra Stalin não eram calúnias: tinham fundamento. Stalin cometera graves, profundas violações da legalidade socialista” (KONDER, 1980, p. 91).

No mesmo ano, essas informações já são de conhecimento dos húngaros, pelo menos em alguns espaços. Nesse momento, volta à cena política a figura de György Lukács, convidado a participar de um debate organizado por jovens trabalhadores. A plateia de mais de mil pessoas, segundo Konder, trava uma discussão que dura horas: “O filósofo se mostra convencido da urgência de uma profunda revisão dos métodos que haviam conduzido, na Hungria, o marxismo a uma situação de descrédito” (KONDER, 1980, p. 92). Alguns dias depois, Lukács reaparece em mais um debate acalorado e não poupa palavras para atacar os métodos stalinistas que, entre outros agravos, teriam “[...] implicitamente apostado em uma nova Guerra Mundial” (KONDER, 1980, p. 92). Segundo Konder, esse procedimento tornou sobremodo difícil para os marxistas, travar um debate aproximativo capaz de influenciar setores não-marxistas.

Amplas mobilizações reivindicando a democratização do regime acontecem na Hungria e Lukács é uma das vozes favoráveis a esse processo. O resultado é a derrubada de Rákosi e a ascensão de Imre Nagy ao poder. O filósofo marxista participa do governo revolucionário e ocupa o posto de Ministro da Cultura, num quadro extremamente complexo. Como relata Konder (1980, p. 93), temendo um ataque soviético, Nagy usa seus recursos: “[...] para desligar a Hungria do Pacto de Varsóvia, entra em entendimento com forças políticas ocidentais. Lukács discorda, demite-se do ministério.”

Após o enfrentamento com a União Soviética, a ocupação do território húngaro por soldados soviéticos se faz inevitável. Assim, não resta outra alternativa a Lukács que não seja exilar-se ainda uma última vez. Nesse momento, segue para a embaixada da Iugoslávia e de lá para a Romênia. Quando Lukács retorna a Budapeste, já sob o comando de Janos Kadar, tem seus ‘méritos científicos’ reconhecidos. Por outro lado, recebe uma ‘sugestão’ do então novo líder húngaro: para não meter-se em política, já que, para o Janos Kadar, esse seria um campo que Lukács conheceria mal.

Como bom revolucionário, Lukács não obedece a tal proposta, um fato que pode ser constatado em seus posicionamentos. Um exemplo dessa desobediência se dá quando se anuncia uma tentativa de se superar o clima da Guerra Fria. Com esse propósito, os soviéticos propõem a concorrência pacífica, definida como uma política de coexistência entre os estados socialistas e os estados capitalistas, ou, mais precisamente, entre a União Soviética e os Estados Unidos e Lukács apoia essa posição. Outro evento que permite verificar-se a desobediência do intelectual marxista ao pedido de Kadar acontece durante o conflito entre a União Soviética e a China, que chegou a um ponto crítico, com ameaças de conflitos armados, dividindo o movimento comunista. Lukács mais uma vez posiciona-se politicamente, dessa feita, em defesa da política soviética. Se, em um primeiro momento, tal decisão pode parecer apenas protocolar, legando apoio à União Soviética, a tese é desfeita quando examinamos o terceiro momento de sua colocação política frente a eventos de seu tempo nesse período. Em 1968, quando a União Soviética invadiu a Tchecoslováquia, atualmente República Tcheca e Eslováquia, Lukács não apoia a posição soviética; não há um único comentário em favor de tal posição. Seu entendimento é que houve ali não apenas um crime, mas um erro.

Diante de tal questão, Lukács dialoga com o partido comunista húngaro; afirma que vai escrever um material sobre o assunto e solicita que este seja publicado apenas dentro de 10 anos. No texto em questão, tece duras críticas ao modelo de organização política que persistia na União Soviética e que resultou na invasão da Tchecoslováquia. Para o filósofo húngaro, ou as sociedades socialistas se democratizavam ou o processo socialista desabaria. No Brasil, esse trabalho do filósofo húngaro pode ser conferido no livro *Socialismo e democratização*. Lembremos que, nesse período, Lukács já havia terminado sua *Estética*, obra concluída em 1962, e encontrava-se no processo de escrever *Para uma ontologia do ser social*. O interessante aqui é apontarmos novamente a questão da continuidade e da descontinuidade. Percebamos que no fim de sua vida suas preocupações centrais ainda giram em torno da Estética e da Ética, visto que sua grandiosa *Para uma ontologia do ser social* foi concebida como um estudo introdutório, ou preparatório para sua Ética.

Assim Lukács caminha para os últimos anos de sua vida fundamentalmente movido pelos mesmos interesses que impulsionaram o início de sua vida intelectual. Aqui não estamos afirmando que esses interesses se expressaram do mesmo modo. A necessidade de investigar as peculiaridades do estético e do ético ganha, durante esse percurso, novos aspectos, qualitativamente distintos. Agora, ao fim de sua vida, essas questões parecem consolidadas.

### ***Os últimos anos e a avaliação de uma vida em defesa das causas da classe trabalhadora***

Ao final de sua existência, Lukács depara-se com uma série de projetos inacabados. O sonho despertado com a Revolução de Outubro de 1917 completava mais de meio século sem que, de fato, se concretizasse em sua materialidade, no sentido pleno, em uma alternativa de sociabilidade que servisse à classe trabalhadora. Em seu derradeiro suspiro, Lukács acreditou no comunismo como única alternativa de fato capaz de livrar a humanidade do mundo organizado sob a ordem do capital. Em seus últimos dias, uma das batalhas travadas, mesmo que internamente, foi pela democratização dos regimes socialistas.

Num último esforço teórico, no campo estrito da luta política, Lukács tentou construir uma base teórica que diferenciase o que seria um processo de democratização nos estados socialistas e a democracia existente no estado burguês. Grosso modo, sua conclusão aponta que, no estado burguês a democracia representa, em última análise, um falseamento da realidade. A análise desse falseamento o filósofo húngaro recuperará de Marx, quando o filósofo alemão define o direito burguês em uma dicotomia posta pela divisão entre *citoyen* e *bourgeois*: “O burguês comporta-se com as instituições de seu regime como o judeu com a lei; ele a burla sempre que isso é possível em cada caso particular, mas quer que todos os demais a cumpram” (LUKÁCS, 2010, p. 67).

O processo defendido pelo filósofo húngaro de envolver as pessoas no processo cotidiano de tomada de decisão, estimulando-as a resolver problemas políticos nas dimensões mais simples de suas vidas, o que o filósofo húngaro chamou de *democracia da vida cotidiana*, na verdade, não se realizou. O que se seguiu após a sua morte foi um prolongado processo de abertura econômica, com privatizações fraudulentas de empresas estatais, entregues a grupos ligados a velhos dirigentes do antigo regime, transformando-os agora em novos ricos, muitas vezes estreitamente ligados ao capital internacional. Assim como o que ocorreu na

antiga União Soviética deve ser observado com maior detalhamento, o fim dos regimes regidos pelo chamado ‘socialismo real’ também merecem um estudo minucioso, caso a caso, com olhar atento para suas peculiaridades. Sem o acerto de contas com a história das revoluções e seus fracassos ao longo do século XX, assim como aquelas que permanecem reivindicando sua transição ao socialismo, seja a chinesa, a cubana, a vietnamita ou a coreana, permitirá ao revolucionário marxista lidar com os limites de sua própria tradição. Consoante a seu inexorável apreço à dimensão da totalidade, o filósofo húngaro sempre enfatizou que seu conceito de democracia da vida cotidiana não cabia aos regimes capitalistas. Em cada lugar, novas estratégias deveriam ser formuladas pelos povos de cada um desses lugares, levando em consideração suas particularidades.

Voltando à questão dos seus últimos momentos de vida, ainda que não tivesse realizado aquela tarefa que lhe parecia fundamental para o desenvolvimento da luta socialista, Lukács não se dizia frustrado. Se frustração é uma palavra estranha a Lukács, o mesmo não podemos dizer da tristeza. Em 1963, período em que começava a escrever sua última obra, *Para a ontologia do ser social*, Lukács perde Gertrud, sua companheira de uma vida. Mészáros (2013, p. 111) relata que “[...] durante meses, ele luta contra o desejo de cometer suicídio”. Quando do lançamento de sua *Estética*, Lukács fará a ela uma dedicatória emocionada.

Mas essa não foi a única tristeza que abalou sua vida nos últimos anos que lhe restavam. A invasão das tropas soviéticas sobre Praga, em 1968, parece tê-lo feito despertar para o fim de um sonho. István Eörsi, um de seus discípulos, afirma ter ouvido a seguinte confissão do mestre “Parece que todo o experimento iniciado em 1917 fracassou e tudo tem de ser começado outra vez num outro lugar” (LUKÁCS, 1999, p. 13).

Mesmo que nunca tenha confirmado publicamente a frase que Eörsi diz ter ouvido de seu antigo mestre, os últimos momentos de sua trajetória parecem confirmar tal afirmação. Lembremos que no período que atravessa desde a morte de sua companheira, passando pelo ataque das tropas soviéticas à Praga, até chegarmos a sua morte, dedica-se a uma última tarefa: contribuir para o renascimento do marxismo. Porém, tal renascimento não significa ecletismo, reformismo, renovação ou coisa do tipo. Ao defender o renascimento do marxismo, Lukács está defendendo a necessidade da classe trabalhadora e daqueles que reivindicam a luta pela emancipação humana, de recuperar a essência ontológica da produção teórica de Marx, combatendo as deformações que se abateram sobre tal corrente do pensamento ao longo dos anos. Em entrevista ao jornal alemão *Der Spiegel*, esclarece sua intenção nesses anos derradeiros: “[...] tento agora, como ideólogo, trazer à tona aquilo que constitui o essencial no marxismo. Com isso, quero contribuir para o conhecimento de como efetuar, em campos diversos e sob formas diversas, uma transformação política real” (LUKÁCS, 2008, p. 349).

Já Netto indica que nesses últimos anos de vida do filósofo húngaro “[...] o interesse pelo marxismo como sistema constituinte da inteligência histórica se organiza duplamente – com a crítica implacável do seu próprio desenvolvimento e com a reavaliação de momentos nucleares do passado cultural da humanidade” (NETTO, 1981, p. 39).

Assim, enuncia Netto (1981, p. 50 e 51) que as contribuições de Lukács foram as mais diversas, seja no plano filosófico e estético, seja no político-ideológico, conforme pode-se divisar na longa citação a seguir:

Lukács reintroduziu, no pensamento marxista, a determinação precisa do fenômeno da decadência ideológica da burguesia, clarificando sua gênese, seu desenvolvimento necessário e suas consequências. Também lhe é creditada a revelação dos nexos contemporâneos entre reação política e ideologias irracionistas, desvendando o fenômeno – próprio da etapa imperialista – que denominou apologia indireta do capitalismo. Ademais, foi ele quem, nos seus últimos dias, explicitou o socialismo como alternativa possível ao mundo manipulado do capitalismo tardio, alternativa de radicalidade democrática; visualizando o socialismo como possibilidade objetiva, Lukács restaurou, na ideologia do socialismo, a síntese de realismo anti-utópico e esperança prometida que caracterizou o projeto marxiano [...] ao nível filosófico, a contribuição lukacsiana foi decisiva para o processo que o filósofo mesmo, no fim de sua vida, encarava como um renascimento do marxismo. As suas derradeiras tentativas caminham no sentido de operar a análise imanente de sistemas filosóficos determinados, conjugando a sua crítica interna com a pesquisa do seu enraizamento social [...] Também se deve a Lukács a peremptória afirmação do caráter autônomo do marxismo: ele sempre defendeu ardorosamente a ideia de que este possui o instrumental necessário para desvendar os problemas sócio-históricos, sendo-lhe congênito o repúdio à utilização e aos empréstimos de segmentos analíticos oriundos de outros contextos filosóficos e científicos. Além do mais, deve-se a Lukács o fundamento para a compreensão de sistemas contemporâneos, como, por exemplo, o neopositivismo [...] No entanto, o seu contributo mais notável (e nem por isso menos problemático na sua concretização) foi a tentativa de esclarecimento da natureza mais íntima do marxismo como método de apropriação da ontologia do ser social – a modalidade de apropriação teórica da produção e reprodução da realidade e das relações sócio-humanas.

Podemos observar a magnitude das questões que Lukács ainda tentava responder ao final de sua vida. Não que isso fizesse dele um indivíduo arrogante, soberbo, ao contrário: “[...] quanto ao valor e à forma da obra da minha vida, não me posso pronunciar [...] a história decidirá isso de uma forma ou de outra” (LUKÁCS, 1997, p. 84). Ao pontuar que a história definirá o valor de sua obra, não se omite de um juízo de valor, mesmo que carregado de autocrítica: “[...] fico contente por haver feito o esforço, e quanto a isso posso dizer que estou satisfeito: o que não significa, é claro, que esteja contente com os resultados desses esforços” (LUKÁCS, 1997, p. 84).

E mesmo octogenário ainda guardava fôlego para “Durante o breve tempo que me resta, farei o possível para expressar certas ideias com mais precisão, honesta e cientificamente, a favor do marxismo” (LUKÁCS, 1997, p. 84). Com a clareza de quem presenciou a maior parte dos ventos históricos do século XX, demonstra paciência que apenas a maturidade é capaz de oferecer.

À defesa do marxismo, Lukács articula o receio ao que ele chamou de “poliformismo na filosofia marxista” (LUKÁCS, 1997, p. 95), ou seja, às divergências em termos dos fundamentos da teoria marxista e os vários marxismos:

Esse poliformismo nos mostra que estamos no caminho que leva a verdade. Contudo, seria extremamente indesejável aceitar uma noção burguesa incorreta, ver um certo ideal no pluralismo e considerar como uma vantagem do marxismo o poder ser idealista ou materialista, causal ou teológico, desta ou daquela forma. Podemos deixar isso para o capitalismo manipulador [...] temos de ser claros quanto ao fato de que em cada questão só há uma verdade e de que nós marxistas estamos lutando por sua emergência. Até que ela aflore, essas tendências continuarão em conflito, e, devo acrescentar, sou contra tentar acelerar o processo por métodos administrativos [...] acho que é realmente necessário ficar a uma boa distância do pluralismo capitalista e adotar o princípio de que em cada questão só há uma verdade. (LUKÁCS, 1997, p. 95 e 96).

É em busca dessa aproximação, por meio do marxismo, da verdade histórica do ser e das coisas, que Lukács dedica suas últimas horas de vida. O resultado desse trabalho é o inacabado *Para uma ontologia do*

*ser social*, livro publicado apenas após a morte do filósofo de Budapeste. Alguns anos antes de sua morte, retorna ao debate interno do partido: “É um militante octogenário, mas não perdeu nada da sua disposição para a luta política”, como enaltece KONDER (1980, p. 100). Mesmo com toda a fama acumulada pelos anos, quis manter seus pontos de vista não como verdades absolutas, dogmáticas: “[...] não aceitaria jamais que um ponto de vista seu fosse transformado em opinião oficial, pois isso seria perigoso para o desenvolvimento da verdade” (KONDER, 1980, p. 100).

No dia quatro de junho de 1971, ele sucumbe a um câncer que já o acompanhava há tempos: “[...] alguns anos depois é enterrado no cemitério de Kerepesi, em um local reservado para as grandes figuras do movimento socialista” (MÉSZÁROS, 2013, p. 112). Nada mais justo para quem tanto lutou pela revolução comunista. Como uma espécie de testamento, assim resumiu Lukács (1997, p. 83) seu itinerário:

[...] considero um privilégio particular haver vivido a experiência dos anos 1917-1919 [...] foi, sem dúvida, a Revolução Russa e os movimentos revolucionários que se seguiram na Hungria que me transformaram num socialista, e permaneci fiel a isso. Considero esse um dos aspectos mais positivos da minha vida. Outra coisa é se na totalidade da minha vida se moveu para cima ou para baixo, em que direção, mas pode-se dizer que conservou uma certa unidade. Olhando para trás, posso ver que as duas tendências na minha vida foram, primeiro, expressar-me e, segundo, servir ao movimento socialista.

Quando Leandro Konder o encontrou pessoalmente para uma entrevista, ouviu do filósofo a seguinte afirmativa: “Estou tranquilamente convencido de que não sou um novo Marx. Limitei-me a dar algumas indicações, que reputo úteis, quanto à direção em que devemos trabalhar no campo teórico” (LUKÁCS, 1969, p. 3).

### À guisa de conclusão

Recuperar a trajetória histórica que contextualiza o desenvolvimento do pensamento de Lukács é um trabalho fundamental por diversas razões. Primeiramente, em consonância com o próprio método marxista de pesquisa sobre a realidade, a compreensão dos fatos, especialmente dos fatos humanos e sociais, exige considerar o contexto e o momento histórico de seu desenvolvimento. Tal perspectiva de ciência nos protege de ver a trajetória de uma obra individual, mesmo que de um grande filósofo, como um fenômeno puramente subjetivo, fruto apenas de escolhas e vocação pessoais. Aliás, vem de uma certa sanha do positivismo narrar a história como um fruto da ação de grandes nomes, heróis e personagens, indivíduos excepcionais, e não como o resultado das relações sociais coletivas que ele estabelece com o mundo e suas escolhas entre alternativas e limitações.

Em segundo lugar, é fundamental considerar que a vida de qualquer pessoa é atravessada não só por seus limites e possibilidades pessoais, mas também pelas contradições que permeiam o tempo e a sociedade em que vivem. Essa questão nos traz o problema da questão da continuidade ou descontinuidade do pensamento lukacsiano. Haveria um jovem Lukács de História e Consciência de Classe que nega o teórico maduro da Ontologia do Ser Social? Haveria um jovem e um velho Marx? Ora se tais periodizações que visam explicar o pensamento de um pensador parecem explicitar uma certa simplicidade compreensiva, por vezes parecem higienizar as contradições e dilemas que todos nós vivenciamos ao longo de nossa história.

Trata-se do que Hegel chamou de superação, mesmo quando mudamos, inúmeras dimensões permanecem, mas agora como resultado dessas mudanças e da qualidade de um novo ser.

Em terceiro lugar, foi nessa linha que procuramos sublinhar três dimensões do desenvolvimento do pensamento lukacsiano, a partir de suas próprias reflexões, que demonstram a leitura ora empreendida: sua crítica ao 'ascetismo' revolucionário, ao irracionalismo stalinista e ao marxismo 'heterodoxo'. Em síntese, sua crítica ao ascetismo revolucionário procura desmitificar o sujeito revolucionário como um sujeito iluminado, como o asceta que precisa se isolar do mundo para se salvar e revelar isso ao resto da humanidade. O revolucionário é um sujeito que constrói sua singularidade no cotidiano da luta social e tem consciência disso; portanto não precisa formar uma consciência fora do mundo real ou ser um mestre dos demais. Da mesma forma, sua crítica ao stalinismo perpassa desde uma negação ao messianismo de esquerda, como às concepções mecanicistas e positivistas que frações do pensamento marxista defenderam naquele período histórico. Materialismo não é naturalismo, pois o homem é ontologicamente um ser social que não teve anulada sua base natural. Por fim, mesmo acusado de ser um revisionista ou um reformista, ele não renunciou aquilo que sua própria vida produziu: coerência política na práxis social. Seu “destino” era ser um burguês, um sujeito da elite, mas optou por ser um proletário revolucionário. Nada menos revisionista.

#### **Referências:**

HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p.117 - 154. (Coleção Os Pensadores).

KONDER, L. **Lukács**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

LIMA, M. F. de. **A alienação em Lukács: fundamentos para o entendimento do complexo da educação**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.

LIMA, M. F. de. **Gyorgy Lukács: Acerca da Viragem Ontológica de Lukács de 1930**. In: JIMENEZ, Susana; ALCÂNTARA, Norma (org.). **Anuário Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018, p. 45-78.

LÖWY, M. Apresentação. In: LUKÁCS, György. **Reboquismo e dialética: uma resposta aos críticos de 'História e consciência de classe'**. São Paulo: Boitempo, 2015.

LUKÁCS, G. **Entrevista a Leandro Konder em Jornal do Brasil - Rio de Janeiro - Domingo, 24, e segunda-feira, 25 de agosto de 1969**.

LUKÁCS, G. **Carta sobre o stalinismo**. Temas, São Paulo, n.1, 1977.

LUKÁCS, G. **As crises gêmeas. Entrevista publicada na New Left Review 60**. In: Vozes do século: Entrevistas da New Left Review. Emir Sader (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUKÁCS, G. **Pensamento vivido: autobiografia em diálogo**. Viçosa: UFV, 1999.

LUKÁCS, G. **História e Consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. Tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, G. **Der Spiegel entrevista o filósofo Lukács**. Verinotio, ano V, n.9, nov. 2008.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, I. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2003.

NETTO, J. P. **Georg Lukács: sociologia**. São Paulo: Ática, 1981.

OLDRINI, G. **Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács**. In: COSTA, Gilmaisa; ALCÂNTARA, Norma. (org.). Anuário Lukács. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

---

### Notas

<sup>1</sup> Doutorando em Educação (UFC). Mestre em Educação (UFC). Pesquisador do Grupo Emancipa (UECE/UFC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3710883018005745>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5851-503X>. E-mail: [bacoprod@gmail.com](mailto:bacoprod@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFC). Professor de Psicologia da UECE e do PPGE UECE. Pesquisador do Grupo Emancipa (UECE/UFC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7436001421675280>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4636-1912>. E-mail: [osterne.maia@uece.br](mailto:osterne.maia@uece.br).

<sup>3</sup> Doutora em Educação, com pós-doutorado. Professora aposentada da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1771899477297406>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9626-753X>. E-mail: [susana\\_jimenez@uol.com.br](mailto:susana_jimenez@uol.com.br).

Recebido em: 30 de ago. 2022

Aprovado em: 1º de jun. 2023